



O binóculo

Cláudio Feldman*

Santo André, Brasil

claudiofeldman@uol.com.br

1

Quando houve a cerimônia de meu *bar-mitzva*, ganhei alguns presentes. Mas o melhor de todos foi o de minha *babe* Sarah: numa caixa forrada de veludo, um sólido binóculo. Junto, um cartãozinho que dizia: “Para meu querido neto Moishele espiar as maravilhas do Criador.”

Foi o que fiz, com entusiasmo, durante as férias escolares, sem viagem. Meu pai gastara demais com a festa de meus 13 anos e não podíamos sair da cidade. Então, eu ficava, grande parte do dia, viajando pelo binóculo, surpreendendo cenas da vida em Alexanderburg, principalmente no Monte Adler.

De tudo que vi nessa elevação, o que mais me impressionou foi uma águia. Quando o calor do azul transparente era maior, suas asas pareciam encobrir o sol. Seu voo, roçando nuvens, contemplava as cores do mapa: terra, árvores, ruas poupadas pela guerra, o rio Strom, o velho *shil* e eu, ainda menor, perdido no meio de tudo. Se eu pudesse cavalgá-la, pelo menos uma vez...

De tanto observá-la com êxtase, percebi que seus olhos aéreos sempre se demoravam mais nas palhas macias do ninho, onde seus filhotes repousavam, descuidados. Quantas vezes não a espionei, no Monte Adler, trazendo alimentos para seus biquinhos famintos. E seu coração, quase sufocado pela natureza guerreira, deveria bater com ternura. Algum dia, remoto, mas previsto, seus descendentes também estariam flechando o céu, acasalando-se e povoando de ninhos o vasto mundo.

2

Quase no fim das férias (como esquecer?), notei seu encantamento pelos filhos cessar subitamente. Segui seus olhos e captei uma sinuosa figura, carregada de malícia e cores, subir pelas saliências das rochas, a língua em riste: uma cobra que mirava o sono dos filhotes. A águia desceu, vertiginosa, deslocando o ar com seu grito de guerra, que ecoou até no meu quintal.

A espessa cobra, percebendo asas que se aproximavam, fixou-se na cauda e hasteou a cabeça à espera do ataque. A águia, cega de ódio, cravou suas garras de aço no dorso arqueado da inimiga. O sangue salpicou suas penas. Quis chamar meu primo Berale para ver a batalha do século, mas desisti, pois teria que dividir o binóculo com ele.

* Professor aposentado e escritor.



Na atmosfera, se embaralhavam gritos e silvos. A águia, imperatriz daquelas alturas, tentou decolar com a cobra fisgada, possivelmente para jogá-la no gume das rochas.

Mas deve ter sentido o peso da rival, que, com sutileza, lhe envolvera em seus anéis ásperos e gelados. Se eu tivesse a lança dos macabeus, que eliminava seus inimigos! A águia quis despedaçá-la com o bico recurvo – combatente que não recua ante a primeira derrota –, mas em vão. A águia e a cobra, confundidas no mesmo desespero bélico, rolaram, exaustas, por um declive, batendo nas arestas dos rochedos.

Perdi alguns lances, por não encontrar ângulos de observação no binóculo. Então, me contentei em dirigi-lo ao ninho: os filhotes, despertos, estavam começando a pipilar, com aflição (os movimentos eram tão nítidos, que quase os escutei). A águia, em sua luta, conseguiria ouvi-los? Em caso positivo, o som lhe doeria mais do que o torniquete da cobra.

Consegui, novamente, avistá-las: o ofídio aproximou sua língua bífida dos olhos verdes da águia e já ia lambê-los com sua peçonha, quando o declive terminou. Vi o novelo de ambas tombar no abismo, sepultado nas águas revoltas do Strom, que, com suas curvas em S, ia procurar em vão o oceano.

Pobre águia, que sempre emocionou meu binóculo, por nela encontrar um símbolo de tenacidade, um passo além do rasteiro cotidiano, como acontecia muitas vezes com meu povo!

3

Mas seus herdeiros continuavam a pipilar. Entregues à fome, ao frio e ao abandono, acabariam alimento das ávidas formigas, que não respeitam nem a putrefação da morte.

Fui contar tudo a meu pai, em busca de ajuda. Ele era *soifer*, escrevia nos rolos de pergaminho da Torá os textos sagrados do judaísmo. Meu pai tinha urgência de completar o presente encargo, que iria para a sinagoga de Pforzheim, que estava sendo reconstruída, com certo atraso, dos bombardeios da guerra.

As palavras sagradas nos pergaminhos deviam ser assépticas, sem rasura alguma, e ele não podia se distrair com filhotes de águia. E entregou o caso a meu primo Berale, de 16 anos, que, penteando os cabelos brilhantinados, disse apenas:

— Vou encontrar com uma *chikse*. O binóculo e o problema são seus.

Abandonado pelos familiares, (minha mãe era alma), fui procurar alguns colegas da escola iídiche, mas todos estavam viajando.

Nos primeiros vinte minutos de escalada ao Monte Adler, levei vinte tombos. Um deles, me sangrou o joelho. Voltei, pois estava querendo escurecer. Desiludido com o mundo, que não me dava meios para salvar os filhotes da águia, me tranquei no quarto e não quis receber meu pai e nem o jantar. Sonhei com pios agoniados várias vezes.

4



No último dia de férias, meu obsessivo binóculo descobriu novos habitantes no ninho de águia. Então voltei a sorrir.

Baruch Hashem!

Glossário

Babe: avó.

Bar-mitzva: solenidade que marca a passagem do menino judeu para a maioria religiosa, aos 13 anos.

Baruch Hashem!/: Bendito Seja Deus.!

Chikse: moça não judia

Macabeus: guerreiros que se rebelaram contra o domínio sírio, na Judéia.

Shil: sinagoga.

Recebido em: 10/07/2020.

Aprovado em: 17/07/2020.